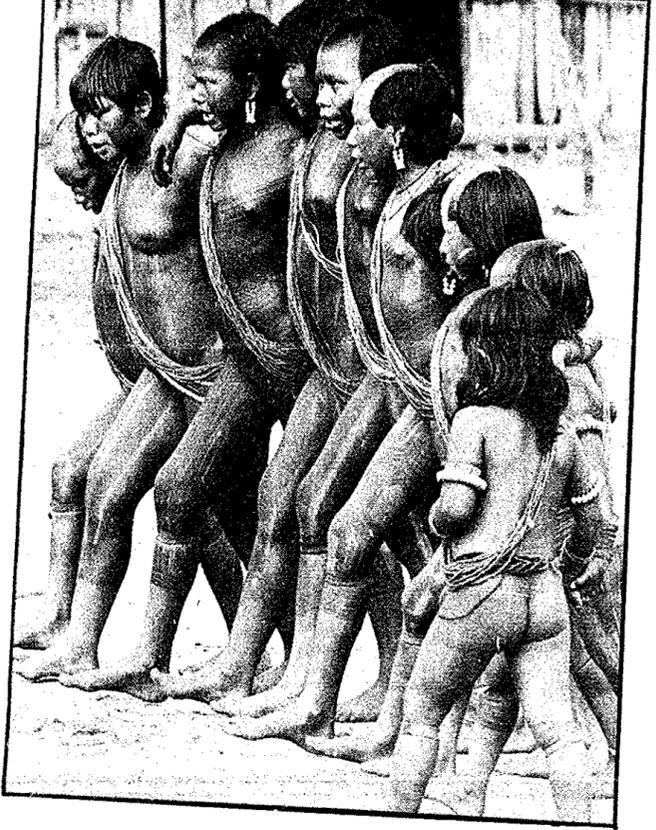




Fotos Josemar Gonçalves

Desde a colonização da terra brasileira, em 1500, que o índio vem lutando para não perder seu espaço físico. Mas apesar disso, ele vem sendo sistematicamente derrotado, e dos dez milhões de indígenas aqui existentes, hoje resistem apenas 200 mil. Ao longo dos séculos, os povos indígenas têm sido dizimados pelas mais diversas armas: de fogo, das doenças, da cachaça e da imposição de costumes culturais que nada têm a ver com sua própria história. (T.C)



O DIREITO DE UM POVO

Na luta pela dignidade humana, e através dela, pela posse das terras que por direito sempre lhes pertenceram, os índios brasileiros têm dado suas vidas, sua força, sua saúde. Mas eles mantêm no olhar determinado, a convicção de que é preciso continuar lutando, ainda que não tenham o apoio dos brancos que um dia, se arvoraram donos de um país já conquistado.

As fotos são de Josemar Gonçalves, que esteve no Parque Indígena do Xingú, na segunda-feira passada, durante as celebrações dos índios Txucarramãe pela demarcação das suas terras. No texto da repórter Kátia Aguiar, uma visão lúcida da luta destes povos para ocupar o espaço a que sempre terão direito inviolável.

“O Brasil não foi descoberto, foi invadido”. Essa certeza, declarada por Angelo Kretã, um índio Kaingang, de Santa Catarina, morto em inexplicável acidente automobilístico, em 1981, após sucessivas tentativas, rejeitadas, de empresários para que lhes cedesse suas terras e da comunidade da qual era cacique, é a certeza de todos os índios brasileiros.

Assim é que enquanto os Txucarramãe, do Parque Indígena do Xingú, em Mato Grosso, festejavam na última segunda-feira a primeira vitória política de um grupo indígena no País, com o início da demarcação de suas terras que reconquistaram em maio, após luta determinada contra fazendeiros e Governo Federal, tantos outros que somam quase 200 mil, de outros grupos, sofrem a ausência de garantia à terra. Para eles, ela “é fonte de subsistência, base de or-

ganização social, espaço vital, mãe, amiga, companheira e referência de valores culturais e religiosos” — em suma, vida.

A celebração dos Txucarramãe aos 325 mil hectares reincorporados à área que os brancos decidiram lhes conceder — o Parque, criado em 1961 — na verdade não por justiça, mas para evitar maiores problemas, é um marco histórico. Esse exemplo vem sendo buscado intensamente pelos Pataxó Hã-hã-hãe, na Bahia; pelos Kaingang, em Santa Catarina, pelos Yanomani, em Roraima e grande número de outros povos que vivem a constante ameaça de invasão, perseguição e morte. Aliado a essa violência ainda há o descaso dos órgãos criados para sua defesa, que muitas vezes atendem mais a interesses outros.

Na festa, o imponente cacique Raoni dançava e cantava com sua comunidade, e em cada canto estava intrínseca a vontade de viver, de continuar. Viver como não pôde Angelo Kretã, como não pôde igualmente viver o líder Guarani de Mato Grosso, Marçal Tupã-Y, covardemente assassinado pelas costas, no

final do ano passado, assim como, entre outros, Alcides Maxacali, em Minas Gerais. A luta pela terra, ou seja, pela vida, foi a causa presente em todas essas mortes.

Percebe-se no olhar das mulheres, das crianças, dos homens, a preocupação com o amanhã. Até quando ou até onde a festa do presente é a certeza do futuro, tempos em que permanentemente os brancos inescrupulosos — que à sua frente só vêem o lucro, o “desenvolvimento” — vão insistir na exploração, a qualquer custo, das riquezas de terras que não lhes pertencem?

As lideranças indígenas, como seus povos, sabem que somente uma mudança na estrutura da política indigenista do País pode alterar o quadro lamentável, desolador, de hoje. Elas estão decididas a colaborar com as chamadas autoridades competentes ou alterá-las sozinhas, e sabem que é preciso se fazerem fortes, como dizia Marçal Tupã-Y que assegurava:

— Precisamos ter garantias para que tenhamos assegurada nossa imperfeita vida terrana.

